

RESENHA

O livro "A CRÍTICA E O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO", (ver bibli.), onde se encontram os artigos aqui comentados, é produto de um Simpósio do mesmo nome, ocorrido em 1969, em Londres. Os participantes do Simpósio tiveram seus trabalhos publicados nesse volume. O trabalho do Professor Kuhn, tanto no Simpósio, quanto no livro, serviu de base de discussão para os outros participantes.

Neste comentário também eu estarei baseando-me no artigo do professor Kuhn, "Lógica da Descoberta ou Psicologia da Pesquisa?". Estarei ainda baseando-me no artigo de Margaret Masterman, "A Natureza de um Paradigma", artigo este que, como os demais publicados no volume, discute o artigo do professor Thomas Kuhn. Farei menção ainda a algumas idéias do artigo que encerra o livro, também do professor Kuhn, "Reflexões sobre os meus Críticos".

Bem, em "Lógica da Descoberta ou Psicologia da Pesquisa?", Kuhn retoma idéias fundamentais que já apareciam em "Structure of Scientific Revolutions" (ver Bib.). Porém, no artigo, essas idéias são justapostas às idéias do professor Sir. Karl Popper (ver bib.). Me parece muito elucidativo esse procedimento, já que, até então, Popper vinha sendo quase que somente admirado e muito pouco criticado. Ao justapor suas idéias às dele, Kuhn pretende não só criticá-las, mas também apontar, através das suas próprias, para uma nova imagem da ciência.

Nessa justaposição de idéias, Kuhn aponta para o momento em que Popper classifica uma teoria científica em termos de valor de verdade. Essa classificação se opõe essencialmente à idéia de relatividade histórica defendida por Kuhn. Para ele, os homens vêem as mesmas coisas diferentes, identificam e interpretam os mesmos dados de maneira diferente, pois têm estímulos respondendo diferentemente. Portanto, enquanto para Popper há um valor de verdade absoluto, para Kuhn a verdade é relativa.

No que se refere à linguagem, as idéias de Popper se assemelham àquelas propostas por Tarski, filósofo da linguagem, que procura a significação em termos de valor de verdade. A metodologia, nesse caso, é por exemplo, numa proposição como "A neve é branca", constatar o valor de

O que está em jogo, nesta forma de proceder, não é a verificação da realidade, mas o procedimento lógico e a possibilidade ou não de falsoamento.

Nesse contexto, Kuhn afirma que Popper não oferece uma lógica e sim uma ideologia, assim como em lugar de regras metodológicas, ele dá máximas de procedimento.

Outro ponto muitíssimo importante do artigo é a idéia de "Ciência Normal" discutida por Kuhn em contraponto com o pensamento de Popper. Para Kuhn, existe uma prática científica responsável por apontar à ciência extraordinária os pontos que devem ser testados e a maneira de testá-los. É a ciência normal a responsável pela imensa maioria do trabalho realizado em ciência básica. É ela que demonstra que uma teoria deixou de sustentar adequadamente uma tradição de resolução de enigmas. Ou seja, para Kuhn, a existência das revoluções científicas depende da existência da ciência normal que estabelece, inclusive, os pressupostos de uma nova teoria. Popper, em contrapartida vê o cientista normal de Kuhn como uma pessoa não crítica, que foi ensinada com espírito dogmático e que se contenta em resolver enigmas. Em outras palavras o que para Popper é ciência pura, para Kuhn representa apenas um momento do processo científico, o momento de uma revolução que no entanto, só ocorre de vez em quando, e é com certeza produto do trabalho desenvolvido em um determinado período, pela ciência normal, período este que para Popper é de estagnação.

Me parece que, a grosso modo, a distinção fundamental entre os dois pensamentos é de que enquanto para Popper o processo científico é constituído por uma alternância de grandes momentos (em que velhas teorias são falseadas e refutadas por novas teorias) e períodos de estagnação, para Kuhn o processo científico é um contínuo de renovação constante e desenvolvimento crescente, onde comungam ciência normal e ciência revolucionária.

Uma última abordagem, feita no artigo de Kuhn, de importância fundamental, diz respeito ao reconhecimento de valores sociológicos e psicológicos no desenvolvimento do conhecimento, o que está profundamente ligado à noção de relatividade histórica.

Para falar sobre isso é necessário discutir a noção de "Paradigma", trazida por Kuhn e desenvolvida de forma esclarecedora no artigo de Margaret Masterman, "A Natureza de Um Paradigma", do mesmo volume.

No seu artigo, Margaret examina a idéia de paradigma de Kuhn por con-

bém para toda filosofia da ciência. Enquanto para Popper a palavra correta seria "hipótese", para Kuhn passou a ser "paradigma".

Margaret observou que em "The Structure of Scientific Revolutions", Kuhn emprega a palavra "paradigma" de, pelo menos, vinte e uma formas diferentes. Porem, ela agrupou esses diversos usos em três grupos principais: Paradigmas metafísicos, Sociológicos e de Construção. A autora observou muito bem que somente enquanto metafísico o paradigma foi discutido pelos críticos de Kuhn, inclusive Popper. As outras duas conceções não foram apreendidas em sua devida importância.

Na concepção sociológica, paradigma é algo sociologicamente discutível e acima de tudo concreto, um conjunto de hábitos. Algo que já existe nas fases iniciais de ciência real, quando a teoria não existe. Enquanto construção, o paradigma é ao mesmo tempo o truque, o expediente embrionário em que se funda o paradigma sociológico, e o discernimento da sua aplicabilidade.

A ideia de paradigma de construção está estritamente ligada à ideia de ciência normal, uma vez que é um artefato que possibilita a solução de enigmas da ciência normal.

Finalmente, Margaret coloca que se o paradigma fosse apenas uma construção ou artefato interpretável, cujo uso se tivesse convertido em instituição social estabelecida, talvez fosse difícil distinguir a concepção paradigmática da ciência de Kuhn de alguma concepção hipotético-dedutiva sociologicamente sofisticada. O que distingue as duas concepções é que um paradigma para a solução de enigmas, diferentemente de um sistema hipotético-dedutivo, também precisa ser um "modo de ver" concreto. Nesse sentido o paradigma é metafísico.

O contraponto com o pensamento de Popper e dos outros filósofos da ciência, estabelece-se aqui da seguinte forma; todos haviam censurado o desmoronamento gradual de várias teorias científicas por terem sido eventualmente falseadas pela experiência, pela não cooperação da natureza. Ninguém o censurou pelo fato de que as teorias, porque têm de ter em seu âmago paradigmas analógicos concretos para definir-lhes os compromissos básicos, e porque o efeito desses paradigmas é restringir-lhes drasticamente os campos, desmoronam quando levadas muito longe por sua própria constituição, e sem que se faça necessária qualquer irritação agravante da natureza.

Margaret conclui seu artigo fazendo alusão ao que, na sua opinião, são as características lógicas distintivas e revolucionárias do paradigma

de concretismo ou "crueza".

Fica claro desta forma, que Kuhn foi levado à apresentar a noção de paradigma por ter considerado problemático o fato de que muitas palavras de que os cientistas precisam, em especial para formulação de sentenças básicas, são aprendidas por um processo não totalmente linguístico.

Desta forma, para nós linguistas, o contato com o pensamento de Kuhn é fundamental, uma vez que, assim como as dele, nossas preocupações, em um certo momento, convergem para esse mesmo ponto; a questão da significação.

BIBLIOGRAFIA

IMRE LAKATOS E ALAN MUSGRAVE (Org.) - 1.979 - "A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento"

THOMAS KUHN - 1.962 - "The Structure of Scientific Revolutions"

Sir. KARL POPPER - 1.959 - "Logic of Scientific Discovery"

SOLANGE MARIA LEDA GALLO

Programa de Mestrado